

Jazz

10 de setembro 2014

André Fernandes

Wonder Wheel

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarra André Fernandes Voz Inês Sousa Piano Mário Laginha
Contrabaixo Demian Cabaud Bateria Alexandre Frazão

andrefernandes.com

Qua 10 de setembro
21h30 · Grande Auditório · Duração aproximada: 1h20 · M3

Diferente, mas igual

André Fernandes tem-se imposto ao longo dos anos como um guitarrista inventivo e de técnica apurada, com a sua escrita a condizer. Músico de jazz por opção e por paixão, notam-se nele fortes influências do rock. É natural: «Cresci a ouvir rock. E nunca vi razão para o dissimular naquilo que faço, mesmo que numa música identificada com o que quer que o termo *jazz* signifique por estes dias. Cobain, Hendrix, Van Halen e, mais recentemente, Josh Homme e Jack White são músicos que admiro e que me dão imenso prazer. Esta influência num guitarrista de jazz nada tem de novo, aliás. Scofield, Metheny, McLaughlin, Monder, Rosenwinkel e tantos outros trazem para aquilo que fazem grandes, e por vezes muito óbvias, influências do rock e do funk.»

E é natural porque, a bem dizer, «o lado mais visceral e sónico do instrumento foi e é explorado até ao seu limite por guitarristas de rock, muito mais do que pelos do jazz tradicional». O certo é que Fernandes já não ouve muitos guitarristas deste género de música: «No passado sim, ouvi tudo o que pude encontrar, desde Wes Montgomery e Jim Hall a John Abercrombie e Pat Metheny. Deixei de seguir o que se vai fazendo. Gosto de ouvir o trio de Ben Monder, mas coloco este noutra 'saco', por ser tão diferente. A guitarra de jazz tem hoje a mesma presença e a mesma importância que qualquer outro instrumento, mas também pode trazer uma vertente mais ampla e experimental.»

Se a guitarra continua a ocupar o primeiro plano em *Wonder Wheel*, ganhou relevância neste projeto um 'instrumento' que também capta as atenções, a voz de Inês Sousa, membro da banda de pop-rock Julie and the Carjackers. Uma voz que, por sinal, não é enformada à partida pelo canto jazz: «As minhas referências vocais estão todas fora do universo do jazz. A Inês até fez formação em jazz, pois licenciou-se em Jazz pela ESML, mas tem uma abordagem à interpretação que vem muito mais de outras áreas. Essa mistura, aliada ao timbre dela, tornou-a na pessoa ideal para esta música. A Inês também faz parte do meu grupo de rock sPiLL, e essa proximidade ajudou muito na escolha.»

Ao contrário do que se possa pensar, compor para uma vocalista não lhe alterou muito os critérios de estruturação. «Compus a maior parte da música antes de ter este grupo formado. Tinha gravado algumas *demos* sozinho, tocando e cantando tudo para ouvir e perceber onde poderia integrar aquilo que andava a escrever e que claramente pedia uma voz, coisa que não fazia parte dos meus grupos ativos, como o Motor. Quando percebi que tinha temas que poderiam funcionar como um todo, decidi trabalhá-los para gravar um disco, e só então decidi quem iria fazer parte. Sabia que ia ser um disco muito diferente de todos os meus anteriores, e isso entusiasma-me», explica Fernandes.

Um dos músicos que convidou é Mário Laginha, que tem um longo trajeto de colaborações com uma cantora, Maria João. A escolha teve em conta esse fator? «Não. Já tinha gravado ante-

riormente com o Mário o álbum *Cubo* e parte do *Imaginário*, e não foi pela sua parceria com a João que o convidei. Tal como disse antes, a música de *Wonder Wheel* não foi moldada pelo facto de existir uma voz, antes pelo contrário. A voz era necessária para esta música porque fazia parte dela à nascença, e nos temas sem letra (quase todos) foi usada como mais um instrumento, como anteriormente fiz com o saxofone. A inclusão do Mário neste disco tem apenas a ver com o facto de ser um dos meus músicos favoritos e um dos mais singulares e interessantes pianistas do planeta.»

Tem havido a tentação de considerar *Wonder Wheel* como a incursão de André Fernandes pela pop. O guitarrista e compositor recusa essa conotação... «*Wonder Wheel* não é *pop-jazz*. Realmente, em três das oito faixas do disco (*Wonder Wheel*, *Down the Road* e *Lilac Wine*) a voz adota um papel mais destacado em temas com letra, mas uma canção não remete obrigatoriamente para o universo pop. Joni Mitchell e Rebecca Martin são pop como Britney Spears ou Madonna?»

André considera que, para estas canções serem pop, implicaria «a existência de elementos que aqui não se encontram, como um ritmo fixo, um *backbeat*, uma estrutura harmónica que obedecesse a determinadas sequências convencionais, com arranjos muito trabalhados e limpos, refrões que ‘ficam no ouvido’ e ausência de improvisação tanto na interpretação dos temas como nos solos». Ou seja, *pop-jazz* é «Jamie Cullum, Michael Bubl e e esse tipo de coisas».

Utilizar esse rótulo poderá ser, na sua opinião, «uma forma mais fácil e menos trabalhosa de categorizar algo que tem elementos de vários tipos de música, mas essa designação remete para um universo que não está, nem nunca esteve, presente no meu trabalho». Reforça o músico: «Todos ganharíamos, incluindo os ouvintes, se fosse feita uma tentativa para definir de forma mais correta a música de *Wonder Wheel*. Essa do *pop-jazz* não é verdadeira.»

As letras de duas canções do repertório *Wonder Wheel* são da cantora e pianista Akiko Pavolka, nome que figura no catálogo da editora discográfica dirigida por André Fernandes, a TOAP. «Sou um enorme fã dela. É tremendamente original e imensamente honesta. Já trabalhei com a Akiko algumas vezes nos seus grupos, e acho que a música dela consegue unir a frescura e o fator do inesperado de algum jazz com o universo *singer-songwriter* no seu melhor. Não tenho planos para trabalhar com ela no futuro, mas nunca se sabe», afirma.

No alinhamento de temas de *Wonder Wheel* surge uma única *cover*: *Lilac Wine*, de James Shelton. «É um tema maravilhoso que teve interpretações incríveis nas vozes de vários músicos, entre os quais Nina Simone e Jeff Buckley. Fiz um arranjo e gostei muito do que ficou gravado. Hesitei em incluí-la no disco, por razões óbvias, mas achei que era suficientemente diferente dessas versões intocáveis e que tinha sido transformada na nossa própria versão. Merecia fazer parte do CD.»

Wonder Wheel é uma edição diferente das demais que trazem o nome de André

Fernandes, «e ainda assim continua a ser a minha música, feita da forma como sempre a fiz», garante. «Nunca ‘censuro’ a minha música e nunca a moldo com propósitos não musicais. Desta vez não foi diferente. Cada grupo que dirijo ou disco que gravo tem a sua personalidade própria. Se fizesse sempre a mesma coisa, com a mesma premissa e o mesmo resultado, mesmo que bom, iria estagnar e morrer artisticamente. Não tenho interesse nisso. Por vezes faço música mais experimental, como o duo com João Lencastre, outras vezes toco rock (sPiLL), outras vezes entro pelo jazz (Motor) e outras vezes crio uma música mais difícil de categorizar, como com este quinteto.»

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista “online” jazz.pt

André Fernandes

Nasceu a 10 de Março de 1976 em Lisboa. Completou os seus estudos na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal aos 18 anos e em 1996 recebeu uma bolsa do conceituado Berklee College of Music, em Boston, que frequentou até se mudar para Nova Iorque. Nesse período recebeu o *Stephen Holland Award for Outstanding Musicianship* e terminou o bacharelato (2 anos) com louvor. Leciona na Universidade Lusíada, Universidade de Évora e na Escola Superior de Música de Lisboa.

Em 2001, gravou o seu primeiro CD, como líder, intitulado *O Osso*, editado pela sua própria editora Tone of a Pitch, ao qual se seguiram *Howler*, *Timbuktu*, *Cubo*, *Imaginário*, *Motor*, *Amplitude* com o grupo Spill e, mais recentemente, *Wonder Wheel*, com uma formação que inclui a voz de Inês Sousa, o piano de Mário Laginha, o contra-baixo de Demian Cabaud e a bateria de Alexandre Frazão, para além da guitarra. O trabalho de André Fernandes tem sido bem recebido pela crítica e pelo público. *Cubo* foi eleito disco do ano, pela votação dos críticos, no espaço *Jazzlogical.net*, e Fernandes foi eleito músico do ano de 2007, pelo jornal *Público*. Com *Motor*, recebeu críticas de quatro e cinco estrelas em várias publicações como o *Público*, *JazzXXI*, *Expresso*, *Jazz.Pt*, *i*, entre outros. Após a edição deste trabalho, Fernandes foi capa da única revista da especialidade em Portugal, a *Jazz.Pt*, com um artigo e entrevista de fundo sobre a sua carreira e trabalho. Fernandes é hoje o mais

requisitado guitarrista de jazz português, sendo solicitado para concertos tanto em Portugal como pelo resto do mundo, por músicos tão reconhecidos como os históricos Lee Konitz e Tomasz Stanko, David Binney, Ohad Talmor, Julian Arguelles, Perico Sambeat e Maria João.

De entre as suas inúmeras colaborações, destacam-se, nos últimos anos, Mário Laginha, Tomasz Stanko, Lee Konitz, Chris Cheek, Chris Potter, Cyro Baptista, Perico Sambeat, Bernardo Moreira, Maria João, David Binney, Julian Arguelles, Eli Degibri, Dan Weiss, Bill McHenry, Pedro Moreira, Pete Rende, Maria Schneider, John Hollenbeck e Theo Bleckman, Alexi Tuomarila, Carlos Martins, Bernardo Moreira, Jorge Reis, Carlos Barretto, Bernardo Sasseti, Akiko Pavolka, Jarmo Savolainen, Furio diCastrì, Phil Markowitz e João Paulo Esteves da Silva, entre muitos outros. Até ao seu desaparecimento, tocou regularmente com Bernardo Sasseti. Colabora com a Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM) com quem gravou o CD *Amoras e Framboesas* com Maria João, bem como o projeto *Portology* com Lee Konitz, dirigido por Ohad Talmor. Foi convidado para integrar o Lee Konitz New Nonet, na Europa, em 2006 e 2007, com o qual continua a atuar regularmente. Com Konitz e a OJM, atuou no Carnegie Hall, em Nova Iorque, por ocasião da celebração do seu octagésimo aniversário e, posteriormente, no clube Jazz Standard. No mesmo período, integrou o projeto *João*, de Maria João, com quem fez várias digressões pela Europa

e em Portugal. Foi também convidado a tocar com a Big Band de Lausanne, na Suíça, ocasião em que trabalhou com Chris Potter e Gregoire Maret. Gravou com o saxofonista Perico Sambeat, ao lado de Jeff Ballard, Thomas Bramerie e Eric Legnini em Barcelona. Os seus projetos mais recentes incluíram músicos como Mário Laginha, Jorge Rossy, Alexandre Frazão, Nelson Cascais, Matt Pavolka, Pete Rende, DJ Ride, Matt Renzi, Julian Arguelles, entre outros.

Inês Sousa

Nasceu em Lisboa em 1986. Em 1995, com 9 anos de idade, fez coros num disco da *Ala dos Namorados*. Em 1998, cantou a música principal da banda sonora do filme da realizadora Margarida Gil, *o Anjo da Guarda*, música original de João Gil. Nesse mesmo ano, abriu dois concertos da *Ala dos Namorados*, um no terreiro do Paço e outro na Expo 98. Em 1999, gravou um dueto com a cantora Isabel Silvestre, numa música original de João Gil. Começou a ter aulas de canto em 2003 com a professora Cristina de Castro. Ainda em 2003, integrou o elenco da adaptação para português, da peça Musical de Andrew Lloyd Webber, *Joseph and the amazing technicolor dreamcoat*, no CCB. Em 2004, participou na peça de teatro musical de Carlos Tê, *Cabeças no ar*, com música de Rui Veloso, João Gil e Carlos Tê. Nesse mesmo ano começou os seus estudos na escola de Jazz Luiz Villas-Boas, do Hot Clube. Em 2007, participou na reposição da peça *Cabeças no Ar*, no Teatro

Municipal São Luiz. Integrou a banda Pássaro Cego, ao lado de Manuel Paulo e Nancy Vieira. Em 2011, integrou o elenco da cantata pop *A Missa do Galo*, peça original de Carlos Tê, com música de Manuel Paulo e Carlos Tê, que esteve em cena no Teatro Constantino Nery. Em junho desse mesmo ano, foi convidada por Carlos Tê a cantar no concerto *Carta Branca a Carlos Tê*, integrado na programação do CCB, ao lado dos Clã, de Rui Veloso, de Cristina Branco, de Carmina Repas e de Romeu Costa. Em 2012, participou novamente na Cantata pop *A Missa do Galo*, fazendo uma temporada no Cineteatro Municipal Constantino Nery, e no Teatro da Trindade, e uma apresentação no Theatro Circo e no Fórum Romeu Correia.

É membro da banda Julie and The Carjackers, com quem gravou o EP homónimo em 2010, e o disco *Parasol*, em 2011. É cantora da banda spILL, com quem gravou o EP *Super sexy fight songs*, em 2013 e da banda Suzie's Velvet.

Integra também o quinteto de André Fernandes com quem gravou o disco *Wonder Wheel*.

Atuou em salas como CCB, Teatro Municipal São Luiz, Auditório Eunice Muñoz, Auditório Fernando Lopes Graça, Auditório Ruy de Carvalho, Fundação Cupertino de Miranda, Fórum Romeu Correia, Teatro Ribeiro Conceição, Centro Cultural de Chaves, Teatro de Vila Real, Teatro Constantino Nery e Theatro Circo, entre outros.

Mário Laginha

Com uma carreira que leva já mais de duas décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas se é verdade que os primórdios do seu percurso têm um cunho predominantemente jazzístico – foi um dos fundadores do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), criou o decateto Mário Laginha (1987) e lidera ainda hoje um trio com o seu nome –, o universo musical que construiu com a cantora Maria João é um tributo às músicas que sempre o tocaram, a começar pelo jazz e passando pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, sem esquecer as bases clássicas que presidiram à sua formação académica e que acabariam por ditar o seu primeiro e tardio projeto a solo, inspirado em Bach (*Canções e Fugas*, de 2006). Mário Laginha tem articulado uma forte personalidade musical com uma vontade imensa de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, de que resultou um dos projetos mais consistentes e originais da música portuguesa, com mais de uma dezena de discos e muitas centenas de concertos em salas e festivais um pouco por todo o mundo (festivais de Jazz de Montreux, do Mar do Norte, de San Sebastian, de Montreal...). Em finais da década de oitenta, criou, em parceria com o pianista clássico Pedro Burmester, com quem gravaria um disco, uma dupla que seria alargada a Bernardo Sasseti em 2007 no projeto *3 pianos*, com a gravação de um CD e de um DVD, e a realização de uma dezena de concertos

com fortíssima repercussão na crítica e no público. Até ao seu inesperado desaparecimento, Bernardo Sasseti foi, de resto, um parceiro e cúmplice de Mário Laginha em muitas dezenas de concertos e em dois discos gravados, o último dos quais dedicado à música de José Afonso. André Fernandes e o seu projeto *Wonder Wheel* conta também com a participação de Mário Laginha. Com uma sólida formação clássica, Mário Laginha tem escrito para formações tão diversas como a Big Band da Rádio de Hamburgo, Big Band de Frankfurt, a Orquestra Filarmónica de Hannover, Orquestra Metropolitana de Lisboa o Remix Ensemble da Casa da Música, o Drumming Grupo de Percussão e a Orquestra Sinfónica do Porto. Tem tocado, em palco ou em estúdio, com músicos excecionais como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson, Django Bates, entre outros. Compõe ainda para cinema e teatro. A obra mais recente do trio partilhado com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão é *Mongrel*, um trabalho que partiu de temas originais de Chopin transformados para a linguagem pessoal do pianista. *Iridescente*, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian, é a sua última aventura musical com a cantora Maria João. Em finais de 2013, Mário Laginha e o seu Novo Trio com o guitarrista Miguel Amaral e o contrabaixista Bernardo Moreira lançaram *Terra Seca*, um disco que desbrava novos caminhos para o jazz e a música portuguesa.

Demian Cabaud

Nasceu em 1977, em Buenos Aires. Em 1998 graduou-se pelo Instituto Tecnológico de Música Contemporânea, Buenos Aires e em 2000 pelo Berklee College of Music International Network, na Argentina.

Estudou contrabaixo com Hernan Merlo e Miguel Angel Villarroel, e atualmente está sob a tutoria de Alejandro Erlich Oliva. Em 2001, foi bolseiro na Berklee College of Music em Boston, Massachusetts, tendo obtido o diploma em maio de 2003.

Estudou com Hal Crook, Ed Tomassi, Dave Santoro, John Lockwood, Whit Brown, George Garzone, Danilo Perez e Frank Carlberg, entre outros. Faz parte da prestigiada Orquestra de Jazz de Matosinhos.

Como líder, editou *Naranja* pela TOAP Records em 2008, *Ruínas* pela TOAP Records em 2010, *How about you?* pela TOAP Records em 2011, e *En Febrero* pela Fresh Sound New Talent Records em 2013.

Tocou com Lee Konitz, Joe Lovano, Chris Cheek, Mark Turner, Bill McHenry, Rich Perry, Rick Margitza, Seamus Blake, Ohad Talmor, Perico Sambeat, Jesus Santandreu, David Schnitter, Maria Schneider, Kurt Rosenwinkel, Phil Grenadier, Darren Barret, Russ Johnson, Jason Palmer, Juan Cruz Urquiza, Jason Moran, Bill Carrothers, Leo Genovese, Bernardo Sasseti, Albert Sanz, Mário Laginha, Maria Rita, Maria João, Theo Bleckman, Sheila Jordan, John Riley, Jorge Rossy, Gerald Cleavert, Francisco Mela,

Dan Weiss, Ferenc Nemeth e John Hollenbeck, entre muitos outros.

Colaborou ainda com Joe Lovano, num DVD educativo *Developing a personal approach*, Berklee Press. (in demiancabaud.com)

Alexandre Frazão

Alexandre Frazão nasceu em Niterói, Rio de Janeiro e vive em Portugal desde 1987. Estudou com Alan Dawson, Kenny Washington e Max Roach.

A sua atividade profissional tem sido orientada, maioritariamente, para o jazz e a música improvisada. Colabora com muitos artistas nacionais e internacionais, na área do jazz, tais como Maria João & Mário Laginha, Dave O'Higgins, Jon Freeman e Mark Turner, entre outros. Noutras áreas, tem colaborado com artistas como Rão Kyao, Joel Xavier, Tim Tim por Tim Tum e com Jim Black.

Alguns dos álbuns que melhor representam o seu estilo são: *Nocturno* de Bernardo Sasseti, *Filacteria* de Mário Delgado, *Undercovers* de Maria João & Mário Laginha, *Tempo* de Pedro Abrunhosa, e também a gravação do DVD, *O Concerto Acústico* de Rui Veloso. Participou ainda em mais de trinta discos de outros artistas.

Em 2002, fundou o TGB (Tuba, Guitarra e Bateria) com Mário Delgado e Sérgio Carolino, que deu origem ao disco homónimo que inclui temas da sua autoria. Participou igualmente em inúmeros festivais de jazz, em Portugal e no estrangeiro, com alguns dos artistas já referidos.

De momento, integra o ensemble Tim Tim por Tim Tum e a banda de tributo a Frank Zappa – *Led On*.

Próximo espetáculo

Carlos Barretto Lokomotiv

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Ter 16 de setembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3

Composição e contrabaixo Carlos Barretto

Guitarra Mário Delgado

Bateria e Percussões José Salgueiro

Os Lokomotiv de Carlos Barretto continuam a sua trajetória de 17 anos com novo repertório e novas ideias. Mais uma vez em trio, e com as composições do contrabaixista que, com Carlos Bica e Zé Eduardo, levou entre nós o mais grave dos instrumentos da família do violino para a ribalta. Barretto toca e compõe aliando a modernidade das formas a um propósito sempre presente: dar os melhores motivos e referências à improvisação. Tem a seu lado dois outros grandes músicos do jazz nacional, experientes também em áreas como a *world music* e o rock, o guitarrista Mário Delgado e o baterista e percussionista José Salgueiro.

Reconhecido como uma das forças motrizes do jazz praticado em Portugal, Carlos Barretto não só tocou com muitas das mais importantes figuras da



© Vitor Bastos

causa da improvisação neste país, de Bernardo Sasseti a Carlos “Zíngaro”, como na sua estadia em Paris teve oportunidade de partilhar o palco com luminárias como Lee Konitz, Mal Waldron, Steve Lacy, Horace Parlan, Aldo Romano e Brad Mehldau.

Considerado um dos melhores guitarristas do nosso jazz, Mário Delgado lidera o projeto Filactera e integra o muito aclamado trio TGB, formado com Sérgio Carolino e Alexandre Frazão. As suas contribuições para a música popular portuguesa são numerosas, junto de Janita Salomé, José Mário Branco e Jorge Palma, entre outros.

Antigo baterista dos Trovante, José Salgueiro teve o privilégio de estudar bateria com Max Roach, Billy Hart e Paul Motian. Tocou com Mário Laginha, José Peixoto, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Martins e António Pinho Vargas e ainda com Sérgio Godinho, Vitorino e Rui Veloso, nesta área mantendo ativo o projeto Aduf.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
